

Dr. Mark Jennings, Marcos, Aula 23, Marcos 15:1-32, Pilatos, Paixão e Crucificação

© 2024 Mark Jennings e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 23, Marcos 15:1-32, Pilatos, Paixão e Crucificação.

Olá, bem-vindos de volta ao estudo do Evangelho de Marcos.

Estamos quase no fim. Estamos em Marcos capítulo 15, que é o capítulo final completo, e então entraremos em Marcos capítulo 16, e os versículos lá no começo, e falarei um pouco sobre o capítulo 16 quando chegarmos lá. Com Marcos capítulo 15, agora avançamos, lembre-se, em 14 foi o julgamento de Jesus perante o conselho judaico, perante o Sinédrio, e como isso estava acontecendo simultaneamente com a negação de Pedro, que Jesus havia previsto.

Com Marcos 15, estamos começando a nos mover para a crucificação propriamente dita, e, claro, na frente de 15 vem a audiência diante de Pilatos. Agora, Marcos dá o mínimo de detalhes da audiência de Jesus diante de Pilatos. Não entenda mal o que estou dizendo.

Ele dá muitos detalhes. Temos muitas informações sobre esse evento em particular de Marcos, mas não temos coisas como, por exemplo, a esposa de Pilatos, pedindo a Pilatos que não tivesse nada a ver com Jesus por causa de sua inquietação sobre a inocência de Jesus. Não temos Pilatos e Marcos, não temos Pilatos enviando Jesus a Herodes Antipas e perguntando a ele, já que ele tem jurisdição sobre a Galileia, se ele quer fazer uma decisão sobre isso.

Nós também, diferentemente de João, não temos essa troca, essa longa conversa entre Pilatos e Jesus. Temos um relato muito mais breve, mas é interessante que uma das coisas que talvez seja uma forte certeza histórica, de fato, pode ser uma das mais fortes certezas que temos da história antiga, é que Jesus foi crucificado sob Pôncio Pilatos. Temos isso registrado não apenas em Mateus, Marcos, Lucas e João, mas temos, como falamos no passado, outros documentos que se referem ao papel de Pilatos nisso.

Então, estamos lidando com algo que é um fato histórico, e até mesmo o relato diante de Pilatos e Marcos apresenta muitas informações, se preferir, sobre isso. Agora, é interessante que dito isso, embora a historicidade da crucificação de Jesus dificilmente seja contestada, há alguma discussão sobre se a representação nos próprios Evangelhos é historicamente precisa, o que significa que há algum debate que acontece por aí que Marcos cria um pouco de um tecido de uma história sobre Jesus e Pôncio Pilatos, e normalmente a razão é que o argumento da historicidade de

Marcos recai sobre dois relatos. Um, o que sabemos de Pilatos parece muito diferente do que vemos aqui nos Evangelhos.

Com isso, quero dizer, quando você olha para Philo, você olha para Josephus, você olha para outros relatos de Pilatos, e fica bem claro que ele é uma pessoa muito cruel. Ele era uma pessoa que não tinha dificuldade em perturbar a população judaica. Já falamos um pouco sobre isso.

Ele era um indivíduo que frequentemente estava em desacordo com a liderança judaica e estava confortável com isso. Na verdade, ele teve algumas ocasiões, sabemos de fora dos Evangelhos, ele cometeu atos que foram considerados blasfemos envolvendo o templo e os padrões romanos e esse tipo de colocação de divindades romanas em lugares que deveriam ter sido honrados apenas a Deus, e isso causou uma agitação significativa, incluindo um protesto a Roma. Pilatos parece muito disposto a dizer não à liderança judaica, em outras palavras, e muito disposto a se opor a eles. E há alguma reputação sobre como sua maldade, sua crueldade de caráter, então quando as pessoas olham para Marcos, e veem um Pilatos que quase está tentando livrar Jesus, tentando não crucificá-lo, tentando implorar às multidões para não crucificá-lo, parece completamente fora do personagem.

O segundo desafio, historicamente, é a libertação de Barrabás. Agora, como leremos no relato de Marcos, a libertação de Barrabás, veja bem, está em todos os quatro Evangelhos, mas Marcos fala sobre como, como é costume durante esse tempo para Pilatos libertar um prisioneiro durante a Páscoa, bem, o desafio é que realmente não vemos muitas evidências de como isso era um costume, como isso era esperado ou algo que acontecia repetidamente. Fora da referência a Barrabás, não parece ser; essa era uma realidade esperada, e então um dos desafios se torna, como é que temos um Pilatos que é um governante que parece muito cruel, agora meio que capitulando aos líderes judeus, e até mesmo capitulando às multidões judaicas, e até mesmo instituindo algum tipo de ato de misericórdia graciosa ao libertar um prisioneiro, e então é frequentemente argumentado que isso foi uma criação da Igreja, toda essa coisa, não que Jesus foi crucificado sob Pilatos, mas a conversa e até mesmo a libertação de Barrabás.

Bem, acho que há alguma resposta aqui que faz sentido histórico que explicaria isso. Uma das coisas, antes de tudo, que fala da historicidade do que estamos acontecendo aqui é o fato de que Barrabás é mencionado em todos os quatro Evangelhos, e se não houvesse algo que tivesse ocorrido assim se esse incidente ou esse evento não tivesse acontecido, por que os escritores do Evangelho ou a Igreja desenvolveriam uma tradição desse personagem Barrabás e o inseririam, especialmente citando que isso era um costume? Se Marcos está sendo escrito bem próximo dos eventos em questão, para ele dizer que havia um costume ou tradição que estava sendo seguido pareceria ser fortemente oposto, especialmente se Marcos está escrevendo para uma igreja em Roma, que teria tido algum

entendimento talvez de como esses diferentes governantes estavam trabalhando. Segundo, também tenha em mente que não era incomum para governantes, por exemplo, especialmente forças conquistadoras ou ocupantes, ou reis que tinham um pouco de agitação, fazerem exatamente isso de libertar prisioneiros.

Não era um ato incomum. Vemos referências a ele, e mesmo no primeiro século e no segundo século depois, até mesmo a Mishná meio que fazia referência a essa ideia de que um rei ou governante, se houvesse algum tipo de agitação ou descontentamento com ele, e um povo libertaria alguns prisioneiros como uma forma de manter bons relacionamentos, isso não é um ato incomum. E mesmo o senso de, como era seu costume ou tem sido seu costume, não requer uma prática arraigada ao longo de décadas.

Poderia ter sido algo que tinha se desenvolvido recentemente durante aquele período, mas que as pessoas sabiam que Pilatos faria. Faria sentido que ele fizesse isso durante a Páscoa também se houvesse esse festival que tivesse esse tipo de ideia de liberação de alguma escravidão. Mas acho que mesmo falando um pouco mais sobre a historicidade de tudo isso é a crueldade de Pilatos, o fato de Pilatos ter enfrentado a liderança religiosa antes, e é por isso.

Porque Pilatos teve, e sabemos que em muitas, em duas ou três ocasiões, um desentendimento, se preferir, com a liderança judaica, e que eles reclamaram até seus chefes. Pilatos pode ter sentido que seu atual assento de governador não era tão certo, especialmente porque sabemos que o homem que o nomeou, que a história nos diz que tinha uma forte posição antissemita, era ele mesmo, seu assento era muito incerto, e dependendo se isso é 30 d.C. ou 33 d.C., pode ou não estar no poder na época. Se for um pouco mais tarde, pode ter havido uma mudança no governo.

Mas se tivermos, você pode facilmente ver essa imagem, se tivermos judeus governantes, e alguns dos quais sabemos que em uma ocasião foram até o imperador para expressar sua reclamação sobre o governo de Pilatos, Pilatos pode se sentir um pouco perturbado, tendo sido repreendido ou castigado por seu tratamento à liderança judaica, e então pode ter colocado em prática uma prática como a liberação de Barrabás, ou também ter sido muito mais propenso a querer ter certeza de que não haveria mais agitação, ou que não houvesse uma reclamação pesada contra ele, que sua própria crueldade passada agora está determinando por que ele tem que agir um pouco diferente porque ele simplesmente quer manter seu emprego. Ele não está querendo ser, você sabe, por muito favor em Roma. Então, o que sabemos da história, quer olhemos para Josefo ou Filo, e o que vemos nos Evangelhos, na verdade não tem, não é combativo.

E vamos também ter em mente antes de criarmos um piloto que de alguma forma, em Marcos, é uma alma gentil e atenciosa, e ele ainda crucifica Jesus. Ele ainda,

mesmo reconhecendo que Jesus não fez nada além de ser um peão da liderança judaica, você sabe, é alguém que os próprios líderes judeus querem usar Pilatos para matar, reconhece tudo isso, e ele ainda o entrega para ser crucificado. Então, antes de começarmos a pensar que Pilatos foi de alguma forma um jogador gentil nessa peça da paixão, não vamos perder isso de vista.

O último pedacinho de historicidade que eu acho que fala sobre isso é o título todo, Rei dos Judeus. Você notará que Pilatos, na conversa, se refere a Jesus como Rei dos Judeus, e quando ele crucifica Jesus, ele usa o título como Rei dos Judeus. E Rei dos Judeus não era um termo que Jesus usava para si mesmo.

Rei dos Judeus não era um termo que a igreja primitiva usava para Jesus. Se isso fosse uma criação da igreja primitiva, poderíamos esperar ver títulos que eles gostassem, talvez até Messias. Eles não usavam Rei dos Judeus, mas ainda assim Rei dos Judeus teria sido uma maneira romana muito compreensível de entender essa figura do Messias.

E então, o fato de Pilatos aqui estar usando Rei dos Judeus, eu acho, fala da historicidade disso. Seria improvável que a igreja posterior usasse Rei dos Judeus e o inserisse na história. E então eu acho que isso fala um pouco da autenticidade.

Finalmente, acho que isso fala a favor do próprio Jesus fazendo afirmações messiânicas, que, independentemente de como Pilatos entendia Jesus, havia alguma conexão entre Jesus e essa figura do Messias, e que Rei dos Judeus é a maneira como ele melhor entende isso. Bem, vamos lá. Vamos dar uma olhada nos primeiros 15 versículos de Marcos capítulo 1, versículos 1 a 15.

Marcos 15, começando com o versículo 1. Logo que amanheceu, os principais sacerdotes consultaram os anciãos, os escribas e todo o conselho, e amarraram Jesus, e o levaram, e o entregaram a Pilatos. E Pilatos lhe perguntou: Tu és o Rei dos Judeus? E ele lhe respondeu: Tu o disseste. E os principais sacerdotes o acusaram de muitas coisas.

E Pilatos perguntou-lhe novamente: "Você não tem resposta para dar? Veja quantas acusações eles trazem contra você?" Mas Jesus não respondeu mais nada, então Pilatos ficou surpreso. Agora, na festa, ele costumava soltar um prisioneiro a quem eles pediam.

E entre os rebeldes na prisão que cometeram assassinato e a insurreição, havia um homem chamado Barrabás. E a multidão se aproximou e começou a pedir a Pilatos que fizesse o que ele costumava fazer por eles. E ele respondeu-lhes dizendo: Vocês querem que eu solte para vocês o Rei dos Judeus? Pois ele percebeu que era por inveja que os principais sacerdotes o tinham entregado.

Mas os principais sacerdotes agitaram a multidão e o soltaram e deram e fizeram com que ele soltasse Barrabás em vez deles. E Pilatos disse-lhes novamente: então o que devo fazer com este homem que vocês chamam de Rei dos Judeus? E eles se aglomeraram novamente, crucificam-no. E Pilatos disse-lhes: Por quê? Que mal ele fez? Mas eles gritaram ainda mais: crucifica-o.

Então, Pilatos, querendo satisfazer a multidão, soltou Barrabás para eles. E, tendo açoitado Jesus, entregou-o para ser crucificado. É interessante olhar para esta passagem aqui.

Claro, como falamos da última vez, o Sinédrio não podia executar Jesus. Eles não tinham autoridade para matar. Ao dizer que não tinham autoridade, uma das coisas que isso significa é que era muito comum para Roma permitir que a população local tomasse decisões sobre as decisões e os julgamentos, mas reter a pena de morte.

Roma normalmente não permitiria que a pena de morte fosse um julgamento que os órgãos locais pudessem fazer. Então, o Sinédrio não podia executar Jesus. E como falamos da última vez, eles trabalharam para encontrar uma maneira viável, uma acusação que pudessem então levar a Pilatos.

Claro, Pilatos está atualmente em Jerusalém. Tipicamente, ele estaria em Cesareia Marítima, onde sua fortaleza e palácio estariam.

Mas durante o tempo do festival, especialmente porque Jerusalém aumentaria sua população, Pilatos viria e ficaria em Jerusalém. Ele geralmente ficaria no Palácio de Herodes. E onde quer que Pilatos ficasse, esse lugar imediatamente se tornaria a casa imperial, os aposentos, o pretório, etc.

É assim que isso seria intitulado. E então, ele provavelmente não ficou em uma fortaleza. Ele provavelmente ficou no Palácio de Herodes.

Essa mudança de título de local por meio da presença de Pilatos é muito semelhante ao que fazemos nos Estados Unidos com nosso presidente. Se qualquer avião em que nosso presidente estiver, o indicativo de chamada desse avião se torna Força Aérea Um. Então, se temos um jato que chamamos de Força Aérea Um, e ele tem todas as coisas para o presidente, mas é chamado de Força Aérea Um porque esse é o jato do presidente.

Mas se o presidente deixasse aquele jato e fosse para, digamos, um avião de passageiros, bem, o indicativo de chamada daquele avião de passageiros agora mudaria para Força Aérea Um. Então, qualquer avião em que o presidente esteja é chamado de Força Aérea Um. Isso é parecido aqui.

Seja qual for o palácio que Pilatos vá, de repente ele passa a ser conhecido como a presença romana ali, só porque ele está lá. Então, aqui está ele em Jerusalém. Então, eles conseguem levar Jesus a Pilatos relativamente rápido.

E então, eles o levam até eles, o que, aliás, se você notar, é a predição da paixão que Jesus recebeu em Marcos, uma que ele seria entregue aos líderes judeus, mas também que ele seria entregue aos gentios. E isso é, claro, o que estamos vendo acontecer. Então, os principais sacerdotes começam a acusá-lo de muitas coisas, e Pilatos pergunta a ele, isso está no versículo quatro, você não tem resposta a dar? E é interessante porque há uma declaração muito, eu acho, muito bonita e sutil sobre o poder de Jesus neste momento.

No versículo cinco, Jesus não deu mais nenhuma resposta. Ele fica em silêncio diante de todas essas acusações, assim como ele ficou em silêncio diante da maioria das acusações diante do Sinédrio. Ele está ficando em silêncio aqui.

Podemos assumir que essas acusações são provavelmente mais da natureza contra Roma do que da natureza de violar a lei dos judeus. Então, essas acusações que eles estão trazendo a Pilatos provavelmente têm a ver com as alegações de ser rei, insurreição, perturbação da paz, tumultos, dessa natureza. Observe que, no versículo cinco, Jesus não deu mais nenhuma resposta, então Pilatos ficou surpreso.

Agora, vimos o espanto como uma reação ao longo do Evangelho de Marcos em resposta ao que Jesus faz. Você sabe, você pensa sobre isso, o que foi aquele primeiro dia em Cafarnaum e todo o caminho através do ministério de Jesus, se ele faria uma cura ou expulsaria demônios ou mesmo sua pregação, sua fala, seu ensino, fomos constantemente informados de que as multidões estavam maravilhadas. As multidões estavam maravilhadas com o ensino que ele fez e com que autoridade.

As multidões ficaram maravilhadas que ele falou e os demônios foram silenciados. Os discípulos ficaram maravilhados, quem é esse que pode falar no vento, na água, e eles são acalmados e paralisados. Aqui, é interessante porque não são as ações de Jesus ou suas palavras reais que estão causando espanto.

É o seu silêncio. Pilatos fica surpreso que Jesus esteja em silêncio. Que a autoridade, em outras palavras, que tão prontamente associamos, o espanto que tão prontamente associamos no Evangelho de Marcos com o que Jesus diz agora vem com o fato de que ele não fala.

Acho que isso faz com que esse momento no versículo 5 em si pareça um momento semelhante aos milagres. Você sabe, como se houvesse uma expectativa aqui de que Jesus responderia, mas ele não responde. Então, você sabe, Pilatos pergunta a ele, é claro, você é o rei dos judeus? E a resposta de Jesus é muito interessante.

Você disse isso. Quando perguntado diretamente, Jesus responde a Pilatos. Não diferente de quando perguntado diretamente pelo sumo sacerdote, Jesus responde.

Mas a resposta dele é interessante. Você disse isso. E tentar descobrir exatamente o que isso significa é um pouco desafiador porque não é uma negação, mas parece ser um sim qualificado.

Não parece ser tão forte quanto uma declaração de afirmação. E talvez essa seja a maneira correta de entender. Ele está dizendo sim em termos de palavras e sim em termos de poder e autoridade, mas não da maneira que Pilatos quer dizer.

Talvez seja um sim em termos de palavras, mas um não em termos de significado. Talvez essa seja a resposta. Então, quando eles passam por essa peça e Pilatos, você sabe, tendo ficado surpreso, agora vê essa oportunidade de talvez talvez libertar Jesus por causa da Páscoa e vai até a multidão e diz a eles que ele vai fazer o que eles estão pedindo a ele, que é libertar o prisioneiro.

Ele pergunta se eles querem que ele solte o rei dos judeus. Agora, meu senso é porque a motivação é que ele faz a pergunta, no versículo 9, vocês querem que eu solte para vocês o rei dos judeus? Versículo 10, a motivação, pois ele percebeu que era por inveja que o sumo sacerdote o havia entregado. Minha avaliação disso é que ele realmente espera que as multidões não queiram que Jesus seja mantido prisioneiro, mas queiram que Jesus seja solto.

A inveja que Pilatos está percebendo é a inveja de que esses líderes religiosos têm ciúmes de Jesus, ciúmes de sua popularidade, ciúmes de sua influência, e o próprio fato de Pilatos oferecer Jesus como uma opção para essa libertação provavelmente significa que ele não viu Jesus como uma ameaça. Que as acusações de insurreição, que a acusação de iniciar uma revolução, que a acusação de um motim contra César, talvez até mesmo a acusação de um grande perturbador da paz, que nada disso ele reuniu como uma ameaça ou então por que ele meio que ofereceria esse número? Quero dizer, Pilatos provavelmente terá que ser capaz de prestar contas das pessoas que ele liberta. Seria improvável que Pilatos se sentisse confortável em libertar alguém que pudesse realmente tentar uma revolta contra Roma.

Isso parece completamente ilógico. Então, o fato de ele oferecer Jesus como uma opção provavelmente significa que ele acha que está seguro para ser solto. Ele não está preocupado que Jesus vá liderar um bando armado contra ele.

E ele percebe que ciúme e inveja são a razão pela qual isso está acontecendo. E então, quando ele apresenta Jesus à multidão e diz, vocês querem que eu solte o rei dos judeus? Minha sensação é que ele provavelmente espera que eles digam sim. Eles iriam querer isso, o que seria uma grande vitória se você fosse Pilatos porque, por um lado, você não pode dizer que não ouviu as acusações, e você as ignora.

Mas, por outro lado, você também pode torcer um pouco o nariz da liderança e ter as próprias multidões do seu lado e ser capaz até mesmo de ficar na frente de seus superiores e dizer, o que eu fiz, eu fiz porque eu queria ter certeza de que as multidões não ficariam chateadas. Mas é claro, a história muda porque o sumo sacerdote incitou a multidão para que ele soltasse Barrabás para eles. Não sabemos muito sobre Barrabás.

Sabemos que ele foi preso e julgado em conexão com uma insurreição que envolveu assassinato. A linguagem não é tão clara no grego se Barrabás cometeu o assassinato ou se fez parte de uma operação da qual o assassinato foi cometido. Mas, independentemente disso, ele foi associado a isso.

O sumo sacerdote havia incitado a multidão para isso. Agora, eu acho que o sentido seria que a incitação provavelmente significa que a multidão não veio como uma turba de linchamento, se você preferir, exigindo a crucificação de Jesus, mas tinha sido incitada a isso. Talvez uma das obras que o sumo sacerdote havia feito foi criar uma cena da qual Pilatos seria pressionado, se você preferir, a concordar contra a multidão.

E então, eles dizem que não querem Jesus, eles querem Barrabás em vez disso. E então eu acho o versículo 12 interessante. É quase como se Pilatos estivesse tendo problemas para realmente entender a resposta dos judeus aqui, da multidão.

Porque então ele pergunta, mas tudo bem, se vocês querem Barrabás, o que devo fazer com esse homem que vocês chamam de rei dos judeus? E eles gritaram, crucifiquem-no. E então Pilatos parece querer uma conversa. Por quê? Que mal ele fez? Mas não havia debate a ser feito.

Eles gritaram ainda mais, crucifica-o. E então, no versículo 15, Pilatos, desejando satisfazer a multidão, aquiesce. Esta não é a primeira vez que temos a multidão determinando uma ação.

Pense em Herodes, quando Herodes de repente se vê preso em sua própria criação com João Batista. E ele não quer matar João Batista. Ele gosta de ouvir João Batista.

E há algo sobre a pureza de João Batista e sua santidade que é atraído para Herodes. E ainda assim, ele cria esse grande cenário e faz esses juramentos pelos quais ele é amarrado e preso. Não querendo aborrecer os convidados de seu jantar, ele manda matar João Batista.

Há um paralelo aqui. Pilatos meio que arma essa armadilha que ele mesmo criou e sua própria esperteza, tentando encontrar uma maneira talvez de libertar Jesus e usar as multidões para fazer isso, na verdade fez o inverso acontecer. As multidões

agora estão do lado dos governantes religiosos e estão exigindo a crucificação de Jesus.

Pilatos agora tem duas escolhas. Ele se levanta e diz que não é digno e, portanto, não vou crucificá-lo? Ou ele concorda com as multidões? Ele escolhe concordar com as multidões. Isso é interessante porque as próprias multidões foram a razão pela qual os líderes religiosos hesitaram em prender Jesus para começar.

Eles não queriam prender Jesus no templo por causa de todas as multidões. E eles queriam encontrar um lugar privado. E aqui, as multidões são as que estão agora na esfera pública dirigindo a ação.

Vimos as multidões ao longo do Evangelho de Marcos serem um bando muito inconstante. Elas ficaram maravilhadas com os ensinamentos de Jesus, mas nunca foram realmente seguidoras. Elas foram uma das características que vimos nos primeiros sete ou oito capítulos, e as multidões sempre atrapalharam as pessoas que tentavam chegar a Jesus.

E aqui as multidões estão desempenhando um papel na crucificação. Então, para ganho político e paz social, Pilatos concorda em crucificar um homem que ele sabe que está lá simplesmente porque os líderes religiosos têm inveja dele. E então, ele concorda, e o entrega.

Ele alivia Barrabás. Ele mandou açoitar Jesus, que é um processo de açoite que teria ocorrido, e o entregou para crucificação. E então chegamos à crucificação, é claro, com o versículo 16 e esse processo que leva a ela, versículos 16 a 32.

Olhe um pouco aqui em alguns pedaços, e então vamos caminhar por isso. Então, deixe-me ler uma pequena parte do versículo 16. Os soldados o levaram para dentro do palácio, que é o quartel-general do governador.

É a isso que estamos nos referindo, como o nome do lugar mudou. E eles convocaram todo o batalhão e o vestiram com um manto púrpura e trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram nele. Eles começaram a saudá-lo, salve rei de Jesus.

E batiam-lhe na cabeça com a cana, cuspiam-lhe e ajoelhavam-se em sua homenagem. E, depois de o terem escarnecido, despojado-o do manto púrpura e vestido-lhe as suas próprias vestes, levaram-no para fora, para o crucificarem. Os versículos 16 aqui até 20 são uma zombaria de uma coroação.

Tem todos os vestígios de um desfile de vitória de um imperador ou da instalação de um novo imperador, é claro, agora aqui feito em escárnio. Eles colocam o manto roxo nele. Claro, roxo teria sido a cor da realeza.

Eles têm um louro, se preferir, colocado sobre ele, mas é um louro feito de espinhos. Em vez do grito de salve César, imperador, que era um grito comum que muitas vezes quando César entrava, especialmente em um desfile ou uma procissão de vitória, você gritava, salve César, imperador. Aqui está, salve rei dos judeus.

O bater de uma cana, quando olhamos para o que Mateus tem a dizer ao tentar pensar sobre esta imagem, pode muito bem ser que esta cana fosse um cetro que eles o fizeram segurar e que agora estão usando para bater com ele. É um desprezo e insulto completos. Observe a linguagem aqui dos soldados.

Eles o vestem com essa imagem de rei, essa coroação, se preferir. Então, eles começam a bater nele continuamente e a cuspir nele, o que, incidentalmente, é uma previsão da paixão se tornando realidade, a terceira previsão da paixão. Se você olhar para o motivo do servo sofredor, sobre o qual temos falado o tempo todo, como ele está presente, Isaías 56:7 fala sobre os insultos contínuos e a cusparada contínua acontecendo.

Temos tudo isso começando a acontecer. Acho que é importante perceber o que Marcos nos diz sobre as pessoas envolvidas na crucificação, que não há conforto sendo dado, que há insultos vindos de todos os lados. Acho que isso é útil à medida que avançamos no capítulo 15 de Marcos e notamos alguns dos eventos que acontecem que fazem você se perguntar, é insulto ou é conforto? Bem, Marcos quer que você entenda isso como insulto porque não há nada que ocorra aqui ao longo da apresentação de Marcos do qual Jesus extraia qualquer conforto pessoal.

Então, depois que os soldados prosseguiram com a surra, a zombaria e ajoelhando-se em homenagem a ele novamente, você pode sentir o sarcasmo, o vitríolo e a maldade disso. Jesus agora começa a caminhar para onde será crucificado. E como você sabe, geralmente em uma crucificação, antes de tudo, as crucificações só acontecem em ambientes muito públicos.

Roma usaria o método da crucificação como uma mensagem. Era uma maneira muito longa e dolorosa de morrer. Normalmente, não se morria sangrando até a morte.

Eles frequentemente morriam de asfixia, da incapacidade de respirar, porque ficavam tão enfraquecidos pendurados em uma cruz que, para respirar, tinham que se levantar para permitir que seu peito se expandisse. Ou morriam de fome ou desidratação. Mas era um longo processo, e geralmente, durante esse processo, eles começavam a ser comidos por pássaros e por matilhas de cães selvagens e feras.

Foi feito em um ambiente muito público porque demonstrou o poder de Roma, que era isso que Roma podia fazer a qualquer um que se levantasse contra eles. E foi tanto uma mensagem quanto um julgamento. Se a pena de morte fosse

simplesmente o julgamento, então há maneiras muito mais eficientes de matar alguém.

De fato, se você fosse um cidadão romano, você tinha a honra de uma morte menos vergonhosa. A crucificação era uma posição muito vergonhosa para se estar. Você não só era impotente até mesmo sobre sua própria morte, mas você frequentemente estava nu quando alguém era crucificado.

Tinha todos os aspectos sociais e físicos que seriam associados a uma posição muito vergonhosa. É por isso que quando Paulo fala, por exemplo, aos coríntios, ele destaca a ênfase entre o que é honrado e o que é vergonhoso e lembra aos coríntios que proclamamos Cristo e ele crucificado, que é a demonstração máxima de vergonha de um ponto de vista mundial, mas a imagem mais clara da vitória de Deus. E então, eles teriam esses lugares públicos onde normalmente teriam a viga vertical ainda meio que sempre no lugar, se você preferir.

E então você, como o condenado, carregaria a porção horizontal da cruz até aquele local. E então, esse seria um tipo de processo de desfile ou caminhada até seu ponto, onde você seria então montado na viga vertical. Nisso, pegamos o versículo 21, e eles compeliram um passante, Simão de Cirene, que estava vindo do campo, o pai de Alexandre e Rufo, a carregar sua cruz.

Agora, esta é uma referência muito interessante. É uma referência muito breve. E a historicidade disto, no entanto, eu acho que fala sobre o fato de que é mencionado e nomes são dados.

Observe que temos três nomes que são dados. Temos Simão, mas também temos o nome de seus dois filhos, Alexandre e Rufo. E a nomeação dos dois filhos é um pouco fascinante aqui porque não é algo que seria comum a menos que esses nomes tivessem significado.

Então você pode encontrar talvez o nome de Simão sendo dado apenas por causa da historicidade do momento em que seu nome foi lembrado. No entanto, na verdade, dar os nomes dos dois filhos não só fala de historicidade e testemunho ocular, mas também pode falar da importância dessas duas figuras. Claro, uma das especulações é que Marcos está escrevendo para uma igreja em Roma, e sabemos por Romanos 16:13 que há um Rufo na igreja em Roma.

E então alguns se perguntaram se essa menção de Rufus de alguma forma não está conectada com o Rufus de Roma, se talvez até mesmo a mesma figura. Agora, o fato de que eles recrutaram alguém para carregar a cruz não é incomum. Um, isso fala, é claro, da autoridade de Roma para ter alguém fazendo isso, mas também fala agora do estado físico de Jesus.

Ele foi chicoteado. Ele foi espancado. Ele foi, você sabe, tenha em mente, ele foi julgado em algum tipo de audiência por horas, até mesmo antes disso, seja do Sinédrio e depois para os romanos.

E então , neste ponto, você pode ver sua fraqueza; ele é quase incapaz de carregar a cruz. E, claro, Roma não gostaria que suas vítimas estivessem inconscientes. Eles não gostariam que elas morressem no caminho.

Quero dizer, isso tiraria o próprio veículo do porquê eles têm a cruz, que era para mostrar a agonia e o poder do governo. E então eles recrutaram alguém , e o levaram para um lugar chamado Gólgota, que significa lugar da caveira. Eu sempre me perguntei por que nos referiríamos a esse lugar como Calvário.

Muitos dos grandes hinos da igreja são chamados de Calvário, e eu sempre achei isso estranho. E eu me lembro de tentar descobrir, tentar chegar a alguma solução. Mas, na verdade, é Gólgota, que significa lugar da caveira.

Se você colocar o lugar do crânio em latim, você chega a Calvário como locus. E é isso que o latim tem para o lugar do crânio. E assim, assim, Calvário meio que se tornou o nome desse local.

Então, eles vão para o lugar do crânio, e tem havido muito debate sobre onde esse local fica. Por que é chamado de lugar do crânio? É porque a encosta em si, de longe, parece um crânio? É porque tinha características de morte ameaçadoras? E há algumas outras opções também. Eu acho que uma das coisas, no entanto, independentemente de onde exatamente esteja, e temos algumas ideias, teria sido uma via pública.

Teria sido um lugar por onde as pessoas passariam. De fato, o que vemos na crucificação de Jesus é muita gente indo e vindo. E então, eles o levam para um lugar chamado Gólgota, que significa o lugar da caveira.

E eles lhe ofereceram vinho misturado com mirra, mas ele não aceitou. Agora, lembre-se do que eu disse antes: estes são os soldados que o estão trazendo aqui. Então, este vinho misturado com mirra, há muito debate, o que é isto? É um sedativo? É algum tipo de sedativo para ajudar a entorpecer os sentidos? Ou é amargo, algo que teria um gosto muito, muito ruim? Se for o primeiro, então é uma forma de conforto.

Se for o último, então é até uma ponta extra de insulto. Por causa de como Mark apresentou os soldados, acho que estamos certos em tomar isso como uma forma adicional de insulto, não como um sedativo, não como algo que traria conforto, mas como alguém que realmente causaria angústia. Tirando vantagem do estado exausto

de um homem neste ponto, a desidratação, a sensação de fraqueza, você quase gostaria de beber qualquer coisa.

Aqui seria uma oportunidade ideal para ter vinho contaminado com um gosto amargo. Claro, eu acho que isso pode ser mais uma zombaria, mas Jesus se recusa. Várias razões foram oferecidas para isso. Isso pode voltar a Jesus dizendo: "Eu não vou beber do cálice."

Ele não vai beber nada, e isso faz parte do seu jejum. Se for um sedativo, então talvez Jesus esteja se certificando de que ele não quer ficar entorpecido, que ele quer sentir a experiência completa do sofrimento. Mas, independentemente disso, eu penso na resposta para isso, isso mostra a clareza ainda da mente de Jesus.

Neste ponto, mesmo que esteja exausto, Jesus tem a capacidade mental e o controle da vontade para dizer não a isso. Dizer não a isso, talvez até mesmo quando ele fisicamente o desejaria. Último pouquinho, e então terminaremos por esta sessão.

Ofereceram-lhe vinho misturado com mirra, mas ele não aceitou. Eles o crucificaram, dividindo entre si as suas vestes, lançando sortes para decidir o que cada um levaria. E era a terceira hora quando o crucificaram.

A divisão das vestes e o lançamento de sortes, é claro, entram em cena aqui em breve. Na próxima sessão, veremos o salmo e o grito de abandono. Falaremos sobre isso em um segundo.

Mas esse método em si não seria incomum. Normalmente, as pessoas são crucificadas nuas. Há algum pensamento aqui de que os judeus podem ter sido crucificados ainda com algum tipo de pano ao redor deles apenas por causa de, hum, como um gesto dos romanos para com os judeus em termos da vergonha da nudez.

Mas as vestimentas, novamente, ainda são claramente tomadas, e frequentemente, elas seriam distribuídas entre os soldados. Eles tomariam e as teriam possuído. E então a terceira hora, mais ou menos por volta das 9 da manhã, é provavelmente a terceira hora da qual estamos falando aqui, essa referência.

Tenha em mente que o tempo é um pouco fluido. Pelo menos eu diria que não é tão preciso. Quando pensamos em tempo, terceira hora, 9h, temos um tempo muito específico em mente e um minuto específico.

Isso poderia se referir ao período de tempo que é governado pela hora das 9 horas, se preferir, essa seção. Então, você poderia falar sobre a terceira hora e poderia ser em qualquer lugar entre 9 da manhã e o próximo bloco de três, que teria sido, você sabe, a sexta hora. Quero dizer, há um pouco de fluidez.

Mas você tem a sensação de que é de manhã. Quer dizer, acho que está claro. Tão cedo, no meio da manhã, não no amanhecer.

É interessante, último comentário aqui, quão pouco Marcos fala sobre o ato real da crucificação. Temos principalmente a resposta das pessoas a Jesus, a zombaria, o cuspe, o manto, os espinhos, o lançamento de sortes. Não temos muitas informações sobre o método da crucificação em si.

E isso não é incomum. A crucificação não foi descrita em detalhes em muitos dos documentos antigos. Na verdade, se você olhar para os nossos Evangelhos como um todo, temos mais sobre a crucificação lá do que em muitos lugares.

Foi frequentemente criticado pelos filósofos e professores como tal crueldade. E eu me pergunto, também, enquanto você pensa sobre isso, talvez não houvesse sempre uma necessidade de descrever em detalhes o que acontece quando alguém é crucificado porque teria sido algo prontamente conhecido e compreendido. Mas também, eu acho que isso fala sobre o fato de que não é o sangue do momento que é o assunto do evento.

É a autoridade de Cristo aqui entregando sua vida como o servo sofredor sacrificial, como uma expiação. Os Evangelhos claramente deixam isso mais do que o sangue e a dor. Nós o retomaremos na próxima vez, enquanto trabalhamos em Marcos, capítulo 15.

Este é o Dr. Mark Jennings em seu ensinamento sobre o Evangelho de Marcos. Esta é a sessão 23, Marcos 15:1-32, Pilatos, Paixão e Crucificação.